



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE
ORIENTADORA: Prof. Dr^a. ROSE MAY CARNEIRO

AMANDA ALVES GUIMARÃES ALVES 14/0015418

CHORO AO QUADRADO

Brasília - DF
Julho/2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE
ORIENTADORA: Prof Dr^a ROSE MAY CARNEIRO

AMANDA ALVES GUIMARÃES ALVES 14/0015418

CHORO AO QUADRADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Audiovisual, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social.

Brasília - DF

Julho/2019

CHORO AO QUADRADO

BANCA EXAMINADORA

Docente Prof Dra Rose May Carneiro
Orientadora

Docente Prof Dr Marcelo Feijó Rocha Lima
Membro

Docente Prof Dr Maurício Gomes da Silva Fonteles
Membro

Docente Prof Dr Elton Bruno Pinheiro
Suplente

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a todos aqueles que me ajudaram na construção do Choro ao Quadrado, em especial aos meus amigos: Carlos Angeleas, Luísa Mancini e Ana Hoeper por me fazerem acreditar no projeto e seguir em frente, mesmo com todas as adversidades. Agradeço imensamente aos meus pais, Terezinha Guimarães e Paulo Alves, que me apoiaram em toda a jornada dentro do curso, em especial nessa etapa de conclusão me dando suporte dentro e fora das gravações. Sou extremamente grata aos mestres que me ajudaram na caminhada dentro do Choro, em especial meu professor Márcio Marinho. Obrigada, professora Rose May, minha orientadora, por me ajudar a lapidar o projeto, com tanto carinho e atenção. Por fim, agradeço e dedico esse projeto à minha equipe e a todos os chorões e choronas que contribuíram para que esse projeto se concretizasse.

O vídeo do projeto apresentado está disponível no link:

<https://drive.google.com/file/d/19EbUFUhgTfawXuKh1teEmoq3LzPCsf8/view?usp=sharing>

RESUMO

Choro ao Quadrado é um projeto que visa idealizar uma websérie documental com fins de registrar o momento atual do Choro em Brasília. Em seu episódio piloto busca refletir sobre como esse gênero secular permanece vivo na capital mesmo com a limitação da Lei do Silêncio (Lei Distrital 4092, 2008) que estabelece o limite de emissão de ruídos nas áreas rurais e urbanas.

Palavras-chave: Choro; Brasília; documentário; lei do silêncio;

ABSTRACT

Choro ao Quadrado is a project that aims to idealize a documentary series with the purpose of recording the current moment of Choro in Brasilia. In his pilot episode he seeks to reflect on how this secular genre remains alive in the capital even with the limitation of the Law of Silence (District Law 4092, 2008) that establishes the limit of emission of noise in rural and urban areas.

Keywords: Choro; Brasilia; documentary; law of silence

SUMARIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. PROBLEMA DE PESQUISA	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. OBJETIVOS	12
4.1 Objetivo geral:.....	12
4.2 Objetivos Específicos:.....	12
5. REFERENCIAL TEÓRICO	13
5.1 Documentário.....	13
5.2 Narrativa seriada e websérie.....	14
5.3 O Choro e Brasília.....	16
6. METODOLOGIA	18
6.1 Pesquisa.....	18
6.2 Pré-produção.....	20
6.2.1 <i>Personagens</i>	21
6.2.2 <i>Equipe do projeto</i>	23
6.3 Produção.....	23
6.3.1 <i>Gravações</i>	24
6.3.2 <i>Parcerias e equipamentos</i>	25
6.3.3 <i>Roteiro de perguntas</i>	25
6.3.4 <i>Calendário geral</i>	26
6.3.5 <i>Orçamento</i>	27
6.4 Pós-produção.....	27
6.5 Identidade Visual.....	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
8. REFERÊNCIAS	33
9. FILMOGRAFIA	35
APÊNDICE 1 – Perguntas Norteadoras	36

1. APRESENTAÇÃO

O Choro é um gênero musical brasileiro com mais de um século de idade que sobrevive e se reinventa com o passar das gerações. Reconhecido como uma das primeiras músicas genuinamente brasileiras, o Choro faz parte da identidade do nosso povo, embora alguns não tenham conhecimento da sua existência ou de como foi precursor do samba, um dos gêneros mais populares do país. Por ser a primeira manifestação musical originada no Brasil, o Choro representa muito bem o brasileiro em sua miscigenação e diversidade. Produto da mistura da polca européia com estruturas próprias da música africana, surgiu primeiramente como um modo de tocar e posteriormente se consolidou como gênero (CAZES, 1998). O qual é bem presente no cenário da capital do país.

Brasília tem, desde o princípio de sua história, uma ligação profunda com o Choro. Antes mesmo de sua inauguração, chorões de grande projeção da época, um deles Pernambuco do Pandeiro, foram convidados para trabalhar na Rádio Nacional de Brasília e assim iniciar a produção cultural da cidade (RIOS, 2012). Com o passar dos anos, o Choro foi se desenvolvendo e espaços como o Clube do Choro foram criados a partir da movimentação em torno do gênero. As rodas de Choro que aconteciam na casa dos músicos, foram fundamentais para esse movimento. A mais icônica delas era a roda que acontecia na casa da flautista Odette Ernest Dias, que originou a fundação do Clube do Choro de Brasília, sendo a anfitriã uma dos fundadores.

Essa manifestação musical, intimamente ligada à capital do país, apresenta particularidades em sua forma de execução quando comparada aos outros estados. O fato do espaço físico da cidade planejada proporcionar uma maior atmosfera de estudo do gênero, possibilitou que o Choro se desenvolvesse de forma peculiar na capital. Assim, o modo como a tradição foi passada para as novas gerações, por meio das rodas de Choro, foi se configurando de maneira diferente da praticada no Rio de Janeiro. Com um ambiente mais acolhedor, possibilitou a inserção de jovens interessados em aprender e se aprimorarem dentro do gênero.

Ao longo dos mais de cem anos de história, o Choro passou por diversos ciclos durante a sua existência. Desde um período de grande projeção e produção, seguido pelo declínio e o mais recente, seu ressurgimento e profissionalização.

A busca por uma identidade nacional a fim de se distanciar da Europa como centro produtor de cultura, colocou o Choro como destaque dentro da cultura brasileira em construção. Isso contribuiu para a sua força nos primeiros anos do século XX até o período de auge do rádio no Brasil. Pois muitos chorões, como são denominados os músicos do Choro, eram contratados nas rádios para acompanhar os calouros em programas ao vivo, dada a sua destreza e a possibilidade de tocar por horas seguidas dentro da programação. Com as políticas nacionalistas de Getúlio Vargas, o Choro foi disseminado pelo país por meio do rádio e pelas apresentações dos músicos profissionais. Ações que ajudaram a consolidá-lo como parte de uma identidade nacional (LIVINGSTON; GARCIA, 2005).

Sua fase de quase esquecimento foi marcada pela globalização e o declínio do rádio, com a chegada do *Rock* nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Uma nova ascensão é iniciada nos anos 70 que perde força nos anos 80 e ressurge nos anos 90, influenciando novos músicos e agregando novos estilos. É o trabalho com novos formatos, uma produção independente e a preocupação com a didática desta última fase que abre espaço para a profissionalização do Choro (CAZES, 1998).

Por ter sua origem popular, o aprendizado formal em instituições de ensino era inexistente. O conhecimento era passado durante as rodas de Choro, geralmente hospedadas na casa de músicos ou de grandes apreciadores do gênero, onde a tradição ditava o ritmo. No final da década de 80 início dos anos 90, além da reativação do Clube do Choro de Brasília, foi criada a primeira escola física de ensino do Choro do mundo, a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello (PORTELA, 2003). Essa escola gerou um movimento que contribuiu com a retomada do Choro no restante do Brasil. Isso proporcionou o início de uma profissionalização do gênero e seu desenvolvimento em nova perspectiva.

É reconhecido que o Choro em Brasília se desenvolveu de uma forma única pelo fato dos principais atores responsáveis por difundí-lo terem afinidade com a inovação. Brasília, por ser uma cidade muito nova, a tradição não cerceia as manifestações ecléticas e inovadoras. Isso proporcionou o surgimento de músicos de grande projeção nacional e internacional como Hamilton de Holanda, Gabriel Grossi, Daniel Santiago e Rogério Caetano que tiveram suas bases no Choro brasiliense

(CAZES, 1998).

Muito dos músicos reconhecem que a participação em rodas de Choro foi bem importante para a sua formação e desenvolvimento. Porém, um cenário tão fértil como o de Brasília encontra na Lei Distrital nº 4.092 de 2008 uma limitação para o seu desenvolvimento. Muitos estabelecimentos onde aconteciam tais rodas foram multados e alguns até fechados por conta dos limites sonoros. Com essa nova barreira para o chorinho, os ambientes ficaram mais silenciosos, sem a presença da música. Entretanto, em um movimento para fortalecer e manter viva essa tradição musical, várias rodas estão surgindo e se consolidando pela cidade, assim como novos grupos de Choro. É esse movimento atual e como ele dribla as limitações para ocupar espaços com a música, que se pretende documentar e construir o texto que sedimenta esta memória audiovisual.

Ao pesquisar um gênero secular como o Choro não é raro se deparar com a dificuldade em encontrar materiais e registros sobre o mesmo. Pois, ao longo de sua história, a base de transmissão do conhecimento foi a oralidade. Assim, o registro de acontecimentos assume outro caráter, o de preservar a memória. Afinal, o audiovisual possui um apelo sinestésico e, principalmente, na contemporaneidade, muito acesso e visibilidade. Escolhi apresentar como projeto experimental para o trabalho de conclusão do curso o episódio piloto de uma websérie documental intitulada "Choro ao Quadrado", cuja narrativa traz a história recente do desenvolvimento e manutenção do Choro na capital, além do entrave da Lei do Silêncio. Essa história será contada por meio de personagens atuantes na cena do gênero, recorrendo a memórias e sentimentos vividos por eles, mantendo a musicalidade e a oralidade como foco.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

O Choro, como música instrumental e por conter improvisos em sua estrutura de execução, é popularmente classificado como o “jazz brasileiro” (CAZES,1998). Entretanto são vários os fatores que o diferem do jazz. O que mais se destaca, dentre eles e que foi o questionamento que originou esse trabalho, é o fato do gênero de origem norte-americana possuir um registro e sistematização de seu conhecimento de maneira aprofundada e em maior volume. O que permite sua difusão e aprendizagem. O Choro por sua vez, embora seja um gênero secular como o jazz, possui menos registros de suas estruturas e movimentos ao longo dos mais de cem anos de sua história.

Apesar de estarmos em uma nova ascensão do gênero com mais pesquisas, voltadas para apresentar sua história, com a promoção de eventos, festivais dentro e fora do Brasil, o registro de todo esse movimentos merece um cuidado, principalmente, pensando na posteridade. Com o advento das novas tecnologias de registro audiovisual e a facilidade de se produzir conteúdo, a relação com a memória e identidade muda. E com isso, nos suscitam muitas indagações: como estabelecer uma relação com a construção da memória, a partir da documentação da história mais recente do Choro? Um movimento pode ser entendido apenas em retrospectiva ou é possível fazer o seu registro com base no cenário atual a partir dos agentes que protagonizam a história em construção? Como entregar tal conteúdo em tempos de extensa produção dada a facilidade promovida pelas ferramentas tecnológicas?

A partir desses questionamentos o formato de websérie foi pensado como uma forma mais acessível para pessoas entrarem em contato com o gênero musical e pela projeção que ele permite que o conteúdo alcance. Assim poderemos levar esses questionamentos adiante, principalmente com os novos meios de consumo de conteúdo e por meio da relação do audiovisual com a formação da memória e o desenvolvimento de identidade cultural.

3. JUSTIFICATIVA

A concepção deste projeto surgiu da inquietação em relação a quantidade e o recorte dos conteúdos sobre o Choro. Mais especificamente do cenário atual de Brasília, no qual se nota o surgimento de artistas de grande relevância e notoriedade nacional e internacional. O modo como o gênero é perpetuado também foi uma das questões levantadas. A forma como isso se dá varia de região para região, porém Brasília é um dos destaques quando nos referimos ao gênero e suas transformações. Pois vários artistas que surgiram aqui como Hamilton de Holanda, Gabriel Grossi e outros que estudaram na capital, como o Rogério Caetano, possuem em seu trabalho características que levam a marca do Choro de Brasília. Este muito citado pelo virtuosismo e apuro técnico na execução.

Ao pensar a produção de conteúdo audiovisual como ferramenta, decidi que era propício documentar por meio da captação de imagens e entrevistas o desenvolvimento do Choro no cenário atual. A fim de construir e preservar a memória enquanto ela acontece o formato idealizado foi o de uma websérie documental.

Pois, por meio do registro de depoimentos polifônicos de figuras atuantes dentro da cena nacional e internacional do Choro, poderemos oferecer um retrato do gênero e suas transformações. Dado o contexto brasiliense estar permeado por muitos jovens, priorizamos alguns dos nomes mais recentes que são responsáveis pela propagação do gênero tanto em escolas e grandes palcos, como nos espaços de mais informalidade como os bares.

O trabalho com a memória também possibilita uma transformação da consciência das pessoas nele direta ou indiretamente envolvidas no que concerne à própria documentação histórica, (ampliando essa noção que abarca agora os mais diversos suportes: textos, objetos, imagens fotográficas, músicas, lugares, sabores e cheiros) e compreendendo melhor o valor do documento na vida local, passando assim a engendrar novas maneiras de recuperá-lo e conservá-lo. (SIMSON, 2003, p.17)

A websérie documental foi pensada para que se tenha material dos principais atores e sua percepção de como o Choro é tocado e perpetuado na capital. Incluindo a percepção de como isso acontece mesmo com a limitação da Lei Distrital nº 4.092 de 2008. Esta que determina um limite de ruído sonoro permitido com base na localidade e no horário, o que influencia diretamente nos locais onde ocorrem as rodas

de Choro. Pois ao longo dos anos em que está em vigor, vários estabelecimentos que tinham música ao vivo e acolhiam as rodas de Choro foram fechados, em consequência estas deixaram de existir. Como as rodas são os principais espaços de conexão e aprendizado dos músicos do gênero, a lei, no dado contexto, configura uma ameaça para a sobrevivência e expansão do gênero.

Além do registro, a reflexão sobre os espaços da cultura, nesse caso a música popular em meio ao silêncio como limitação, foi a abordagem escolhida para a construção do episódio piloto. Brasília, como uma capital planejada, oferece uma nova perspectiva em relação aos reflexos do espaço urbano na cena cultural.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral:

- Realizar um episódio piloto de uma websérie para documentar a história recente do Choro praticado em Brasília a fim de contribuir para a construção da memória do gênero que tem mais de cem anos.

4.2 Objetivos Específicos:

- Trazer a reflexão para a forma como o gênero é desenvolvido em Brasília por meio de entrevistas com os que são apontados como os principais nomes dentro do gênero na atualidade;
- Buscar uma equidade de gênero com o número de entrevistados a fim de mostrar a amplitude das pessoas que tocam Choro;
- Registrar como é dada continuidade ao Chorinho em Brasília ao documentar rodas de Choro, que são historicamente os locais de aprendizados;
- Apresentar a percepção externa sobre papel da capital dentro do desenvolvimento e preservação do choro.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Documentário

Uma das primeiras ideias que surge a respeito do documentário é a sua representação e forma de dialogar com a realidade. A partir da definição de John Grierson sobre documentário como “tratamento criativo da realidade” é possível perceber que esse cinema tem em suas bases tanto o compromisso com a verdade, presente no real, como com a criatividade da ficção na forma de expor o recorte de determinado assunto. (NICHOLS, 2016)

Porém, para Bill Nichols, a definição de Grierson deveria ser reformulada, uma vez que filmes de ficção também trabalham com acontecimentos históricos e temáticas que permeiam a realidade. Como é possível constatar em alguns filmes que ele mesmo cita de exemplo como: *Faça a coisa certa* (1989) que expõe a problemática do racismo e *A lista de Schindler* (1993) que narra a atuação de Oscar Schindler em salvar milhares de judeus. Estes filmes também tratam de fatos ocorridos e presentes no mundo histórico, mas a partir do olhar do diretor, com uma narrativa construída baseada em tais fatos, dentro do ambiente controlado da ficção.

Logo, Nichols (2016, p.31) definiria o documentário da seguinte forma “os documentários falam de situações ou acontecimentos reais e honram os fatos conhecidos; não introduzem fatos novos, não comparáveis. Falam sobre o mundo histórico diretamente, não alegoricamente”. Esse olhar sobre os acontecimentos recai também sobre os personagens retratados dentro do filme.

Pois, ainda no âmbito das definições, Nichols (2016, p.31) reformula a afirmação: “documentários tratam de pessoas reais” para especificar que “documentários tratam de pessoas reais que não desempenham papéis”, pois estão a “representar” ou apresentar a si mesmas diante da câmera. Ambas as definições visam delimitar as diferenças entre a ficção e documentário, que se mostram bem difusas quando se está em busca de uma definição.

Esses elementos de representação encontrados no documentário em muito se aproximam com o cinema ficcional. Assim como Nichols, Guy Gauthier trata da dificuldade de distinção entre ficção e documentário e usa as palavra de Jean-Luc Godard para apresentar a sutileza das intercorrências. “Todos os grandes filmes de

ficção tendem ao documentário, como todos os grandes documentários tendem à ficção” (apud GAUTHIER, 2011, p.12). Da mesma forma que os produtos desses dois cinemas possuem convergências, o processo de construção de um filme documental pode se aproximar bastante do modo de produção de um projeto ficcional. Pois, assim como há a elaboração de um roteiro, os filmes de não-ficção podem contar também com outras estruturas própria do universo ficcional, ao utilizar como recurso a decupagem de cenas e até possíveis encenações, por exemplo (PUCCINI, 2012).

Infere-se, portanto, que o compromisso com o real está no tratamento dos fatos dado o recorte do cineasta e que tal perspectiva é o que Grierson trata como “criatividade”. Esta que, por meio do cinema, se encontra a serviço do registro frente a preservação da memória. Cristiane Freitas Gutfreind descreve bem a relação entre os dois:

Se o cinema é um objeto da história, o cineasta, ao “representar” a história, exibe suas identificações com a mesma. Dessa maneira, o cinema pode contar vários tipos de história: como prática da memória (aquela que procura ilustrar os fatos do passado), do tempo presente ou ainda a história como intriga ou conjunto de ações. O cinema é, então, um lugar onde diferentes identidades coletivas contam a si mesmas e aos outros a sua própria história. (GUTFREIND, 2005, p.51)

A opção por fazer um produto de não-ficção foi por estar mais alinhado ao objetivo de criação e preservação da memória por meio do audiovisual. Baseada na colocação de Paul Rotha "Acima de tudo, o documentário deve refletir os problemas e as realidades do presente. Ele não pode chorar sobre o passado; e lhe é perigoso anunciar o futuro." (apud GAUTHIER, 2011, p.14) optei por trabalhar com o registro da atualidade e na escolha dos personagens priorizar os seus agentes mais jovens, os construtores da memória a longo prazo. Para, então, por meio da perspectiva deles, tratar de acontecimentos que estão no mundo histórico e apresentar os conflitos pelos quais o Choro em Brasília enfrenta.

5.2 Narrativa seriada e websérie

O consumo de conteúdos audiovisuais tem mudado com o surgimentos de novas tecnologias de produção e visualização do conteúdo. Segundo Nichols (2011) a internet deu um novo impulso para o documentário, ao disponibilizar, o acesso a “um

cinema de envolvimento social e visão pessoal”. O qual tem esta plataforma como seu principal meio de propagação e procura. Ele aponta também que esse é o caminho mais escolhido por aspirantes a diretor na trajetória para os seus primeiros longas-metragens e que esse tipo de produção tende a se perpetuar nos próximos anos dentro do audiovisual.

Os canais de TV a cabo, a produção digital de baixo custo e os DVDs de fácil distribuição, a internet e seus custos de disseminação quase nulos, com formas ímpares de propagar entusiasmo boca a boca, somados à fome de muitos por perspectivas novas e visões alternativas, oferecem ao documentário um futuro brilhante e vibrante. (NICHOLS, 2011, p.26)

A internet, como nova plataforma de acesso a conteúdo, possibilita que a produção audiovisual interaja com a demanda de maneira diferente, por meio de elementos como a “hipertextualidade, interatividade e multimidialidade”. Nesse meio de comunicação, ainda sem muitos parâmetros e linguagem pouco definida, a websérie surge como produto audiovisual híbrido entre os moldes televisivos e cinematográficos de produção. É das bases narrativas das séries de televisão que ela se alicerça para construir e pensar uma linguagem própria da web, a qual se encontra em constante evolução (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015).

A hibridação entre o cinema e a televisão não se dá, agora, com o tempo atual, mas foi uma construção ao longo do tempo. Essa construção permitiu que assistíssemos, anos mais tarde, novos processos narrativos audiovisuais, novas produções e caminhos alternativos que estariam atrelados com o surgimento de uma nova transformação tecnológica. (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015, p. 3-4)

A narrativa em série “tem suas raízes nas formas epistolares de leitura (cartas, sermões, etc.), nas narrativas míticas e intermináveis como o caso de Mil e uma noites, alcançando também o folhetim e as radionovelas.” (SILVA; ZANNETI, 2013, p.1). Por ser um modelo de grande envolvimento, depois da televisão, ela encontra na internet um novo meio para se desenvolver. Os avanços tecnológico permitiram que o produto audiovisual se desenvolvesse e tornasse os meios de produção de conteúdo mais acessíveis. Deste modo, a narrativa seriada tem a capacidade de oferecer um conteúdo mais completo e específico do assunto por se estruturar em episódios e temporadas. Assim a temática pode ser melhor desenvolvida e articulada a fim de

manter o interesse do espectador no conteúdo apresentado.

As séries produzidas para a web, começam a delinear uma estrutura que levam em conta “o tempo de duração de cada episódio, a disponibilidade do produto na rede e canal em que é disponibilizado” (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015, p). Um formato que vem ganhando força e se reinventando principalmente pela sua apropriação pelo webjornalismo.

É pelo sucesso que as narrativas seriadas possuem e a força que o documentário ganhou com a internet que o formato de websérie foi escolhido. As possibilidades de projeção, veiculação, interação e acessibilidade que esse produto audiovisual permite, apontam para uma nova linguagem em expansão. Pois se configura como mais democrática, por conta do fácil acesso pelos usuários em plataformas como o Youtube e pelos baixos custos de produção e distribuição.

5.3 O Choro e Brasília

Brasília ficou muito conhecida como “capital do rock”, porém a sua relação com a música e com outros estilos vem desde de período de sua construção. O Choro está fortemente atrelado à história da cidade, pois veio para cá com os chorões que foram trazidos para trabalhar na Rádio Nacional. O modo como ele foi perpetuado torna Brasília um ponto de destaque dentro do cenário nacional.

Para uma cidade nova, Brasília apresenta uma identidade no campo da música que constitui o reflexo da própria formação da urbe, ligada a deslocamentos e processos migratórios. Pessoas procedentes de várias regiões do país formaram a população da cidade, trazendo referências culturais que exerceram e ainda exercem influência na produção musical brasiliense. O plano urbanístico de Brasília, a existência de instituições de educação musical de excelência, as cenas musicais e a herança cultural adquirida no meio familiar favorecem a aquisição de aptidões e disposições estéticas, bem como a formação de um habitus no campo da música. (CARVALHO, 2014, p.17)

A identidade que o Choro de Brasília assume é apontada como produto de diferentes culturas que se cruzaram aqui. Como uma cidade planejada, muitos funcionários públicos foram transferidos para trabalharem aqui e outros vieram em busca de novas oportunidades, compondo um cenário com várias culturas regionais diferentes. Essa mistura, como aponta Gilberto Freyre, "traz uma nova perspectiva para

o Brasil inteiro: a perspectiva de um Brasil verdadeiramente inter-regional no seu modo de ser Nação una e, ao mesmo tempo, plural – um Brasil feito de Brasis." (FREYRE, 1968, p. 175-177 apud LARA FILHO, 2009, p.42).

É a partir do conceito de "ninguendade" proposto por Darcy Ribeiro que Ivaldo Gadelha de Lara Filho percebe uma apropriação do brasiliense ao assumir a falta de identidade. "Como resultado disso, Brasília não tem cultura própria, trata-se de uma cidade sem passado nem tradição; há somente incertezas sobre um futuro criado a partir de tradições roubadas de outros lugares." (LARA FILHO, 2009, p.42)

Entretanto esse retrato multicultural de Brasília, e a suposta ausência de passado e tradição, proporcionaram com que o Choro se desenvolvesse de outra maneira. Principalmente, devido as influências dos primeiros chorões que possuíam bagagem cultural diversa possibilitando uma mistura de características das diversas regiões do Brasil que se encontraram na capital.

Assim, o Choro, que surgiu de um processo antopofágico e se reinventou pela mistura dos diversos sotaques do gênero, encontra em Brasília um solo fértil para se desenvolver de forma livre. O que permite também, em sua reinvenção, absorver aspectos de outras linguagens como o *Rock*, para alcançar a sua própria assinatura, que é reconhecida por músicas e músicos de dentro e de fora da cidade.

6. METODOLOGIA

6.1 Pesquisa

Meu envolvimento com o Choro iniciou em agosto de 2017 quando comecei a fazer aulas de cavaquinho na Escola de Choro Raphael Rabello, embora na época ainda não tenha despertado para a pesquisa, minha relação com o gênero começou ali e se estendeu para o audiovisual. No início de 2018, comecei a fazer parte da equipe de fotografia do programa Face Musical, um programa online de transmissão ao vivo de música instrumental apresentado pelo bandolinista Victor Angeleas e pelo cavaquinista Márcio Marinho, meu professor. Tal acontecimento tornou essa ligação muito mais forte.

Nesse contexto fui me interessando profundamente pelo Choro e comecei a pesquisar a história. Na busca pelo maior volume de material sobre esse gênero, participei do CIVEBRA, o Curso Internacional de Verão da Escola de Música de Brasília, na oficina de Apreciação do Choro, onde pude ter maiores referências sobre a memória, além de indicações bibliográficas, filmográficas e de estrutura do gênero.

Assistindo aos materiais, encontrei alguns muito interessantes. Os de maior qualidade e que me chamaram a atenção foram produções bem recentes como a série "Brasil Toca Choro" da TV Cultura, gravada em 2017, mas que teve seu primeiro episódio lançado dia 5 de novembro de 2018. E o programa "Caminhos da Reportagem - Brasília: Capital do Choro" lançado no dia 23 de abril de 2019, quando ainda estava em pesquisa e organizando a gravação das primeiras entrevistas. Após uma conversa com uma amiga violonista, decidi fazer um produto que tivesse como tema o Choro de Brasília, embora não soubesse o recorte específico para o produto.

Ao pensar na realização e no consumo do conteúdo optei pela produção de uma websérie documental. Consciente que envolveria várias etapas, para que o projeto pudesse ter a maior qualidade possível, procurei conteúdos correlatos para construir um produto que tivesse relevância e originalidade dentre as produções com a mesma temática. Um desses conteúdos foi o caso do documentário "Brasileirinho" do diretor Mika Kaurismäki, lançado em 2005, tido como uma das grandes referências audiovisuais que abordam a história e cenário do gênero. Nele o cineasta traz como

cenário o Rio de Janeiro, local de origem do Choro e apresenta os principais artistas e revelações. Com algumas cenas ensaiadas e outras mais espontâneas.

Outra referência foi o filme "O prazer de tocar juntos" com direção de Flávio Corrêa e J. Procópio, também de 2005. Inicialmente editado como um filme, mas atualmente disponível como série, dada a preocupação com o consumo do conteúdo. Essa referência em específico lapidou minha percepção de duas maneiras. A primeira em me apresentar as características únicas do Choro de Brasília como temática a ser explorada, as quais pude comprovar pelos depoimentos coletados. A segunda em relação ao conteúdo apresentado de forma seriada dentro da web, aumentando as minhas possibilidades de continuidade em explorar a temática. Tais aspectos me permitiram construir uma linha que pudesse guiar o episódio piloto e pensar em uma série.

Como idealizadora do projeto o foco das pesquisas foi consolidar o produto como um todo tendo uma atenção especial para a direção do filme. Essa é a minha primeira experiência como diretora de uma websérie de documentário. Portanto, a primeira parte da pesquisa foi desenvolvida para entender as bases do gênero fílmico e de como poderia extrair o melhor material, tendo em vista a ideia inicial de tratar sobre a história recente do Choro.

Os gêneros de documentário que mais condizem com a minha proposta são: o observativo e o participativo. Como eu já possuía uma afinidade com o tema conhecia as personagens do meio, a minha interação com elas não se deu de forma neutra. Implicando na minha participação como ator dentro da construção do discurso, mesmo estando atrás das câmeras. Por mais que fizesse questão de manter o meu posto de observadora durante as interações.

Ao buscar referências para o que tinha em mente, encontro o cinema de Eduardo Coutinho que teve uma forte influência na minha decisão de como abordar os entrevistados. Por seu estilo de documentário ter como principal método a entrevista, pesquisei a maneira como isso se dava para me guiar na construção da série e assim explorar a oralidade que é um elemento que me cativa bastante.

Em paralelo uma pesquisa sobre o Choro e as particularidades do gênero musical foi iniciada para desenvolver o roteiro das entrevistas que escolhi como base

de constituição da websérie de documentário. Por ser propagado de forma oral, decidi que esse seria um método interessante a seguir para o estilo que desejo empregar. Um documentário expositivo cujo registro das imagens se dá por meio da observação participante.

Para delimitar melhor a temática acerca do Choro, conversei com o violonista Henrique Neto, vice-diretor da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello e filho do Reco do Bandolim, que foi um dos grandes responsáveis pela reativação do Clube do Choro e criação da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. Durante a conversa procurei entender melhor esse universo que estava adentrando e principalmente o recorte espacial e temporal. Com o foco no Choro de Brasília, procurei pelas possibilidades de conteúdos pouco exploradas e que poderiam trazer originalidade para o projeto, para que ele tivesse relevância dentre os conteúdos audiovisuais de mesma temática.

Outra pessoa com quem conversei em busca dessa compreensão acerca desse conteúdo em Brasília foi o bandolinista Victor Angeleas. Aluno do Alencar 7 cordas, Félix Júnior, Dudu Maia, grandes nomes do gênero, ele trouxe uma percepção das relações estabelecidas em Brasília apontando também para a forma peculiar de se tocar o Choro em Brasília e a união dos músicos daqui. Outro traço interessante de ser documentado.

6.2 Pré-produção

Optei por construir a websérie por meio de entrevistas para que a história fosse contada pelos personagens que atuam na cena do gênero. Assim, as falas deles pudessem assumir o protagonismo que é presente na oralidade intrínseca ao Choro.

Decidido o recorte do tema, comecei a agendar as entrevistas, porém durante a organização do cronograma de filmagens fui surpreendida com a realização do EICHO, Encontro Internacional de Choro em Brasília, com data prevista para os dias 23 a 28 de abril. Evento sobre Choro que prometia muitas atrações, porém as mesmas só foram divulgadas poucos dias antes do evento.

Pensando que poderia ter acesso a figuras importantes da música instrumental brasileira, me organizei para participar do evento com a possibilidade de estabelecer

um contato com a organização e conseguir entrevistas com grandes músicos e fortalecer o vínculo com entrevistados que já conhecia, mas não era tão próxima. Tal experiência de fato resultou nos depoimentos de boa parte dos entrevistados entre eles, Henrique Cazes, Yamandu Costa, Danilo Brito e Henrique Neto artistas que não moram na cidade.

6.2.1 Personagens

O produto final contém entrevistas individuais com artistas da cidade e de fora, imagens de rodas de Choro e da cidade para localizar o gênero musical além de trazer a atenção para os espaços vazios e silenciosos, um contraste bem próprio do momento atual do Choro e da construção cultural da capital.

Por razões óbvias, discutidas com a minha orientadora, as mulheres - músicas, ao invés de musicistas, são personagens fundamentais nesse episódio piloto. Vale ressaltar que, ao longo da história do Choro, poucas mulheres são lembradas, principalmente, por ser um ambiente que se desenvolveu em uma esfera mais masculina. Na qual a cultura dos músicos foi fortemente propagada entre os homens, dada a vida boêmia muito associada à atividade.

Um dos grandes nomes do Choro em seu início é o de Chiquinha Gonzaga, a primeira chorona e primeira maestrina brasileira. Francisca Edwiges Neves Gonzaga desempenhou um papel de grande destaque dentro do cenário da música popular brasileira por meio de suas composições, de sua atuação na luta pelo direito autoral (CAZES,1998), além de ser um exemplo de representatividade as mulheres. Entretanto dentro do universo Chorão poucos nomes femininos são lembrados, o que não significa que não estivessem presentes no meio. Um fator que torna o registro da ocupação das mulheres nesses lugares uma ação de extrema importância.

Por isso, procurei chegar ao máximo à uma equidade de gênero em relação às entrevistas. Pelo mapeamento das figuras femininas de destaque na cena de Brasília, escolhi as entrevistadas para que estas também tivessem presentes dentro da websérie e pudesse contar a sua perspectiva sobre o Choro da cidade.

Ao apresentar um número próximos de entrevistadas e entrevistados, o objetivo é dar visibilidade e gerar representatividade, mostrando que é possível ocupar tais

espaços e expor isso de forma natural dentro do piloto da série.

As personagens escolhidas foram: Gabi Tunes, flautista, muito atuante em rodas de Choro e com trabalhos de pesquisa e produção dentro do gênero. Juçara Dantas, violonista e professora de violão na Escola do Choro Raphael Rabello, tem uma perspectiva do Choro por ter vivência inicial do mesmo na cidade de Belém. Larissa Umaytá, percussionista, cuja vivência vai além do Choro, presente em outras manifestações culturais, como o Samba e o Boi do Maranhão. Suellen Almeida, flautista veio do Maranhão para Brasília para estudar Choro. Mari Sardinha, cavaquinista que além do Choro está atuando fortemente na cena do samba. Thanise Silva, flautista e professora na Escola de Música de Brasília, desde pequena no meio da música, possui trabalhos dentro do Choro e em outras sonoridades. Ana Cesário, flautista atuante nas rodas de Choro da cidade, vinda do universo erudito se aproximou do Choro e gravou um disco interpretando grandes composições.

Ian Cury, jovem bandolinista, apesar da pouca idade já representou o Choro em palcos dentro e fora do país. Victor Angeleas, músico, bandolinista com pesquisa e extensa produção musical, além de um dos apresentadores do programa Face Musical, um programa online de transmissão de música instrumental brasileira. Márcio Marinho, cavaquinista de renome nacional e internacional, além de apresentador do programa Face Musical ao lado de Victor Angeleas. Henrique Neto, violonista, compositor e idealizador do EICHO, músico de renome que tem trabalho de destaque na produção, pesquisa e sistematização do ensino de Choro. Henrique Cazes, músico, produtor e pesquisador, nome importante dentro da bibliografia relacionada ao Choro, com grande conhecimento histórico dadas as suas pesquisas e livros escritos. Josué Costa, violonista, compositor, músico de Teresina, Piauí, com vivência dentro do gênero em outro estado, além de organizador do Festival de Violão de Teresina. Danilo Brito, bandolinista e compositor de São Paulo, um dos maiores nomes que representa o Choro na atualidade, cuja perspectiva de fora enriquece. Assim como Yamandu Costa, músico e compositor do Rio Grande do Sul, um dos grandes intérpretes nacional e internacionalmente reconhecido dentro e fora do Choro.

6.2.2 Equipe do projeto

A equipe para o projeto foi bem reduzida e, por isso, teve alguns desafios. Infelizmente, não foi uma equipe fixa por contar com a ajuda de amigos que tem outras responsabilidades e a quem agradeço, imensamente, pelo empenho de construir junto comigo o piloto da websérie. Entretanto, isso não impediu que o produto fosse realizado. Por contar com equipes bem diferentes durante os sets, dada as disponibilidades tanto dos entrevistados como da equipe, foi um desafio para mim alinhar todos quanto ao escopo do projeto e para que este mantivesse a sua unidade estética.

Os sets¹ adicionados ao planejamento inicial também foram decisivos na hora de organizar as equipes. Como a produção, direção e a direção de fotografia estava concentrada em mim em alguns sets, me senti sobrecarregada durante o processo.

O projeto contou com a seguinte ficha técnica:

Direção e Roteiro: Amanda Alves

Produção: Amanda Alves

Direção de Fotografia: Amanda Alves e Letícia Nunes

Assistência de Fotografia: Altoé, Edgar Ramos, Octávio Schwenck, Paulo Antonio, Paulo Lima, Victor Diniz

Imagens adicionais: Lays Caroline, Ana Hoeper

Som direto: Juciele Fonseca e Amanda Alves

Som adicional: Octávio Schwenck

Edição e Finalização: Ana Hoeper

Edição e Finalização de som: Ana Hoeper

Arte: Carol Senna

6.3 Produção

Em abril, período previsto para as filmagens, ocorreu o primeiro Encontro Internacional de Choro em Brasília, por ser um evento único e com grande projeção, o escopo original do projeto foi alterado para que o registro do mesmo fosse feito. O

¹ Ambiente onde o vídeo é gravado

cronograma inicial sofreu alterações para que o documentário tivesse a participação de alguns personagens que seriam de difícil acesso e que provavelmente não estariam nessa produção por serem artistas de fora da cidade, como é o caso dos entrevistados: Henrique Cazes, Yamandu Costa, Danilo Brito e Henrique Neto.

O fato de ser aluna do clube do choro e também participante do evento me possibilitou uma proximidade com a organização, facilitando o contato com os personagens o que permitiu enriquecer o documentário com esses depoimentos

6.3.1 Gravações

As gravações foram distribuídas em 8 diárias por contar com um grande número de entrevistados e pela disponibilidade deles. Ter participado do festival foi de suma importância por estar mais próxima aos meus entrevistados e estabelecer o vínculo entre diretor e personagem, (PUCCINI, 2007) além de ter conhecido e incorporado novos personagens ao projeto.

Alguns sets foram mais desafiadores do que outros, como foi o caso das entrevistas com o Yamandu e o Danilo Brito que por estarem participando do EICHO tinham agenda limitada e no momento em que estavam disponíveis, os horários para a equipe não eram viáveis. Por isso, fiz a direção de fotografia, além da direção e pude contar com a ajuda do meu pai, Paulo Alves, para monitorar o som.

Após esses sets, que se configuraram de forma única, por estarem vinculados à realização de um evento, boa parte das gravações foram concentradas nos dias em que a equipe se encontrava disponível, o que facilitou a interação com os personagens, uma vez que eu poderia manter a atenção exclusiva na conversa. Fato que se consolidou em um grande aprendizado de produção.

Além das entrevistas algumas Rodas de Choro foram documentadas, como a roda aberta da Escola de Choro Raphael Rabello que acontece na área externa do Clube do Choro todo primeiro sábado do mês. A roda aberta da Copacabanca, que acontece todo sábado pela manhã na banca de jornal da 208 sul. Uma roda particular que aconteceu na casa da Cristina Moreira mãe do Victor Angeleas, em um evento específico. E a roda aberta do Choro Raiz, que acontece todas as sextas no Tombado Bar na 206 norte.

6.3.2 Parcerias e equipamentos

Assim como a equipe foi voluntária, não tive custos quanto aos equipamentos. Estes foram cedidos gentilmente pelo Carlos Angeleas, diretor geral do programa Face Musical. O que contribuiu para o baixo custo de execução do documentário.

Para a edição e finalização foi feita uma parceria com a UnBTV o que me tranquilizou durante o processo de pós-produção, como será abordado posteriormente.

6.3.3 Roteiro de perguntas

Essa foi a minha primeira experiência na direção de um documentário. E além de todo um referencial teórico e análises audiovisuais, eu tinha em mente a importância que pretendia dar as falas das personagens. Baseada na minha pesquisa e nas conversas durante o período da pré-produção, pensei em temas para construir as entrevistas. A partir da premissa que o Choro brasileiro é único em sua forma de execução, construí questionários tendo em mente 3 tipos de personagens. O primeiro: homens que são da cidade e cresceram tocando Choro. O segundo: mulheres atuantes dentro do choro de Brasília. Terceiro: pessoas que são de outras cidades e possuem vivências diferentes dentro do Choro. Todos eles focando em personagens mais jovens, tendo em mente a construção da memória atual.

Os questionários foram semelhantes para muitos deles pois queria uma grande variedade de respostas, para delimitar as mais interessantes. Por mais que não usasse, poderia servir de gancho para a próxima pergunta ao longo da interação. Com base nos perfis, algumas perguntas foram acrescentadas para cada entrevistado, resultando em um questionário para cada um deles.

Os grandes eixos para as perguntas norteadoras, foram: A forma única de tocar Choro em Brasília, a lei do silêncio, "Brasília: capital do Choro", a participação da mulher no Choro, e a importância da roda de Choro. Com base nesses temas centrais, outras perguntas surgiram. Algumas mais ligadas às falas das personagens, outras ligadas ao perfil previamente estabelecido e ainda algumas exclusivas do personagem que pelo meu conhecimento prévio de determinadas experiências que eles tiveram,

sabia que as respostas se relacionavam a um dos temas principais, como o caso da Larissa Umaytá que organiza uma oficina para prender pandeiro, onde o aprendizado do instrumento e o fato de ter uma professora mulher levantam questões relacionadas a mulher dentro da música.

6.3.4 Calendário geral

O primeiro calendário se distancia muito do que foi de fato executado, por diversos fatores como, a disponibilidade de alguns entrevistados, outros que foram acrescentados mais tardiamente ao projeto devido o valor de sua contribuição para a série, bem como a disponibilidade da equipe. O cronograma abaixo corresponde ao que foi realizado.

Período	Descrição
Janeiro a Abril	Pesquisa, escolha dos personagens e referencial teórico
4 a 26 de abril	Pré-produção
26 e 27 de abril	Imagens de Cobertura do EICHO
27 de abril	Entrevistas com Henrique Cazes e Henrique Neto
28 de abril	Entrevistas com Danilo Brito e Yamandu Costa
7 de maio	Entrevista com Larissa Umaytá
8 de maio	Entrevista com Juçara Dantas
15 de maio	Entrevista com Márcio Marinho
16 de maio	Entrevistas com Ian Coury e Josué Costa
17 de maio	Entrevistas com Mari Sardinha, Suellen Almeida e Victor Angeleas
18 de maio	Entrevistas com Ana Cesário, Gabi Tunes e Thanise Silva
28 de maio a 28 de junho	Edição
28 de junho a 2 de junho	Finalização de som
30 de junho a 4 de julho	Finalização de cor
05 de julho	Entrega

6.3.5 Orçamento

Um projeto audiovisual implica em custos para sua realização. Como a equipe foi voluntária, houve parceria no empréstimo de equipamentos e parceria na pós-produção com a UnBTV os custos foram bem reduzidos. A série utilizou recursos particulares, não houve captação para que fosse realizada. Os principais gastos foram os que envolviam deslocamento e alimentação da equipe, alguns sets exigindo um deslocamento um maior. Estão todos descritos na tabela abaixo.

Planilha de custos	
Descrição	Valor
Gasolina e deslocamento com uber para locações	R\$ 261,05
Alimentação	R\$ 114,69
Identidade Visual	R\$ 300,00
Total	R\$ 675,74

6.4 Pós-produção

A edição do material ficou a cargo da UnBTV. O primeiro passo foi reunir todo o material para iniciar a edição. Um dos aprendizados dessa etapa foi a importância de ter um material organizado, pois uma das dificuldades com as diferentes configurações de equipe, o material de som ora era gravado com equipamento emprestado, ora com o equipamento da técnica de som direto. O que diferiu em termos de qualidade da captação e se apresentou como um ponto a ser corrigido na pós-produção de som.

Para chegar ao corte final do piloto, o processo foi iniciado com a separação do material nos grandes blocos temáticos que guiaram a criação das perguntas norteadoras, foram eles: A peculiaridade do Choro brasiliense, a Lei do Silêncio, a denominação "Brasília: capital do Choro", a participação da mulher no Choro, a importância de roda de Choro e o evento EICHO. Assuntos que seriam divididos em episódios. Todo material foi assistido na busca de falas desses principais temas, resultando em cinco blocos de entrevistas a serem decupadas.

Com o episódio piloto em mente, começamos por temáticas que visam

apresentar o Choro e que têm mais ligação com a história recente, um dos objetivos de reflexão a que esse trabalho se propõe. As falas sobre o Choro brasiliense e a expressão “Brasília: capital do Choro”, foram agrupadas no mesmo bloco por serem muito parecidas e estabelecerem um diálogo interessante. Por se tratar de uma websérie e o consumo desse tipo de conteúdo ter o tempo como limitação de interesse, optei por trabalhar dois dos principais temas norteadores, a marca que o Choro de Brasília tem e a Lei do Silêncio que influencia diretamente na forma como o Choro se desenvolve na cidade.

A partir disso, os principais blocos para o episódio piloto foram reduzidos e as falas articuladas de forma que ficasse dinâmico a ponto de manter o interesse de pessoas que não tenham afinidade com o gênero. Por ter muitos personagens falando sobre o mesmo assunto, foi possível selecionar as falas que mais se destacavam em originalidade e qualidade.

Um dos maiores desafios dessa etapa foi reduzir as falas, pois como tenho bastante interesse por todo material coletado, muitos trechos foram difíceis de cortar, pois me pareciam essenciais. A editora Ana Hoeper me ajudou muito no processo, por não ter participado das gravações, teve pouco contato com o material proporcionando um outro olhar sobre as entrevistas e um desapego sobre as falas.

Assim como a música é feita de sons e silêncios uma alternância foi pensada para permear o episódio da série durante as falas. A construção sonora foi com base nas gravações das músicas feitas com cada artista onde o áudio ao fundo corresponde a uma peça executada pelo entrevistado. Os áudios das imagens de cobertura são trechos da roda documentada na casa da Cristina Moreira, pois como o cerne do Choro é a interação entre os músicos durante esses espaços de aprendizado, este tipo de registro está mais alinhado com as intenções do projeto.

A opção por não cobrir as falas dos entrevistados com imagens, foi pensando em deixá-las mais em evidência visto o foco na oralidade que é própria do Choro. Assim como a música possui as suas dinâmicas a dinâmica entre as falas e imagens dos personagens se entrecruzando foi com a intensão de gerar uma fluidez entre os discursos.

6.5 Identidade Visual

O nome da websérie surgiu de uma fala da Gabi Tunes, que ao definir a forma como o Choro sucedeu em Brasília sintetiza na expressão “Choro ao Quadrado”. Pelo fato do Choro ser produto de uma mistura entre a cultura europeia e a africana, e Brasília por ter pessoas de várias regiões do Brasil, produz um Choro que é a mistura das várias maneiras de tocar oriundas das diferentes e miscigenadas regiões do país.

Como um produto audiovisual cujo meio de veiculação é a internet faz-se necessária uma identidade visual que identifique o projeto de forma fácil, assim como o nome, e para que o mesmo tenha uma estética coerente. A responsável pela criação da identidade visual e as peças gráficas foi a amiga pandeirista e diretora de arte Carol Senna.

Em seu processo criativo, para trazer tal conceito de forma visual, Carol Senna teve como inspiração Brasília com suas formas e fórmulas arquitetônicas para construir a composição da marca. O Choro, como ponto de partida, inserido no “quadrado” (termo popular que se refere ao desenho geométrico delineado pelo mapa do DF) e, ainda, a matemática presente na leitura musical e nos cálculos engenhosos da construção da cidade, chegou-se à composição final da marca “Choro ao Quadrado”. Cujos elementos síntese, o resumo do logotipo, é apresentado na forma de elemento químico, nas figuras abaixo.

Figura 1

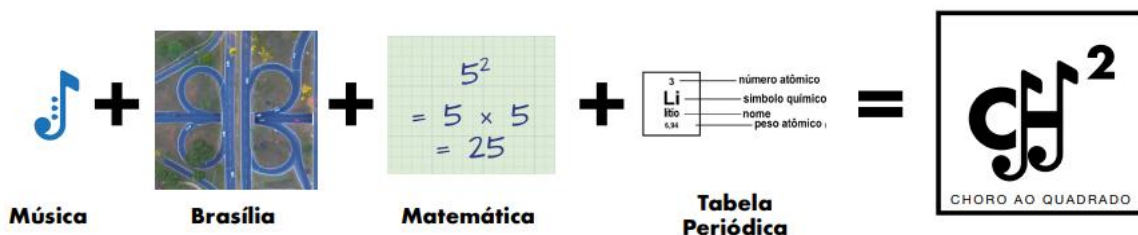


Figura 2



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo Brasília carregou o estigma de ser uma cidade fria em que as pessoas de fora estabeleciam pouca ou nenhuma interrelação. Investigando o Choro brasiliense e como ele é propagado aqui, deparei-me com uma cena acolhedora e de união, o que foi surpreendente. Desde as conversas iniciais com os chorões para delimitar o recorte da websérie, até o momento das entrevistas, esse ambiente fraterno e cordial me foi apresentado. Está claro que o Choro de Brasília possui algo diferente. O percurso feito durante a produção me proporcionou ter uma nova percepção sobre o assunto.

Tanto personagens que nasceram e cresceram na cidade como os vindos de fora, reconhecem que Brasília tem um jeito único de tocar Choro e que isso é possível por ter uma matriz que não foi cerceada pela tradição e pela abertura para novas formas de execução agregando linguagens. Em suas falas pude constatar o quanto a relação com a música é permeada pelo sentimento, algo muitas vezes inexplicável e, ao mesmo tempo, bonito de interagir e registrar.

Apesar da limitação da Lei do Silêncio, o Choro continua vivo e segue se reinventando dentro de Brasília. Mesmo a lei desempenhando o papel de ameaça para tentar calar o gênero, por fechar os espaços onde várias rodas de Choro estavam se estabelecendo, a perspectiva é otimista para a sua propagação. Poder registrar todos esses aspectos foi algo muito rico e agregador.

Alegro-me de ver que o produto final possui uma boa participação feminina como agentes protagonistas ao narrar a história do Choro e poder apresentar grandes mulheres da cena. Espero que a presença delas desempenhando esse papel possa contribuir para que a representatividade e inserção de mais mulheres dentro do Choro e da Música. Afinal trata-se de um gênero que sempre foi culturalmente e, em sua maioria, composto por homens.

A experiência como idealizadora e diretora de um produto de documentário me permitiu ter um novo olhar sobre o gênero e adquirir uma afinidade pela pesquisa. Foi um grande desafio coordenar a equipe e interagir com os entrevistados, por estar desempenhando as funções de produtora e diretora e ainda, em alguns sets, diretora

de fotografia. Todos esses processos resultaram em grandes aprendizados tanto dos aspectos técnicos da feitura de um produto audiovisual, como sobre a História do Choro, de Brasília e da identidade cultural brasileira.

Por fim, expresso minha gratidão por todos que contribuíram para que o projeto fosse realizado, a minha equipe, os entrevistados, a minha orientadora, a diretora da UnB TV e a todos aqueles que, de alguma forma, participaram amorosamente do projeto, seja pelas conversas, com palavras de apoio, ou na generosidade enquanto tocávamos em roda. Que possamos então propagar a música e fortalecer o Choro, essa manifestação tão bonita da alma brasileira. E finalizo, pensando sempre em novos começos, com uma frase da Chiquinha Gonzaga: “eu não entendo a vida sem harmonia”.

8. REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Guilherme Paiva. **Identidade, cultura e música em Brasília** In: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. 10-18, jan/abr 2015 Disponível em: <file:///Users/suporte/Downloads/7457-29977-1-PB.pdf> Acessado em: 3 de jun.2019
- CAZES, Henrique. **Choro: do quintal ao municipal**. 4.ed, Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- Clímaco, Magda M. **Alegres Dias Chorões: O Choro como Expressão Musical no Cotidiano de Brasília; Anos 1960 – tempo presente**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. Instituto de Ciência Humanas. Departamento de História, Brasília, 2008.
- EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GAUTIER, Guy. **O documentário: um outro cinema**. Campinas/SP: Papyrus, 2011.
- GUTFREIND, Cristiane Freitas. **O Cinema Como Objeto de Comunicação Histórica**. São Leopoldo, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6383>> Acessado em: 26 jun.2019.
- LARA FILHO, Ivaldo Gadelha de. **O Choro dos Chorões de Brasília**, 2009. 208 p. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Artes. Departamento de Música, Brasília, 2009.
- LIMA, Luanda. **Mulheres na música: conheça 15 instrumentistas brasileiras**, 2016 Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2015/03/mulheres-na-musica-conheca-15-instrumentistas-brasileiras>> Acessado em: 03 jun. 2019.
- LION, Ana; RIOS, Sebastião (orgs.), **A velha guarda do Choro no Planalto Central**. Goiânia, FCS/UFG/FUNARTE Goiânia, 2012.
- LIVINGSTON-ISENHOOR, Tamara Elena; GARCIA, Thomas George Caracas. **Choro A Social History of a Brazilian Popular Music**. Indianapolis: Indiana University Press, 2005, 254 pp.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 6. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2016
- PORTELA, Luciana Magalhães. **Resistência e transformação: O choro em Brasília**, 2003. 71p. Dissertação de Graduação - Univeridade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia, Brasília, 2003.
- PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. 2007. 250f. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 2007

RIBAS, Beatriz. Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2003, p. 1-17. Disponível em:

<https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/manual/2003_ribas_webdocumentario.pdf>.

Acessado em: 26 jun. 2019

SILVA, Lucas Octávio Cândio da; ZANNETI, Daniela. **A Websérie Como Produto Audiovisual**. In: IJ05 Rádio, TV e Internet do Intercom Júnior do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013, p. 1-11. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0339-1.pdf>> Acessado

em: 26 jun.2019

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, may 2003. ISSN 2316-3852. Disponível em:

<http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 26 jun.

2019

SOUZA, José Jullian Gomes de; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. **Mas afinal, o que é uma websérie documental?** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p. 1-15. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1215-1.pdf>> Acesso em

26 de jun. 2019

9. FILMOGRAFIA

Brasileirinho - Direção: Mika Kaurismäki - 90 min, França, 2005

Caminhos da Reportagem | Brasília: Capital do choro - TV Brasil - 28 min. Brasil, 2019

Disponível em: <<https://youtu.be/rkALJQrW76E>> Acessado em: 26 jun. 2019

Edifício Master - Direção: Eduardo Coutinho - 110 min, Brasil, 2002

In Pursuit of Silence – Direção: Patrick Shen – 81 min, Alemanha, 2017.

Jogo de Cena - Direção: Eduardo Coutinho - 105 min, Brasil, 2007

O prazer de tocar juntos - Direção: Flávio Corrêa/ J. Procópio - 55 min. Brazil, 2005

Disponível em: <<https://youtu.be/0s1MZaoPJ9k>> Acessado em: 26 jun. 2019

Série Brasil Toca Choro - 16 episódios - TV Cultura - Direção: Maurício Valim - Brasil, 2017 Disponível em:

<<https://www.youtube.com/channel/UCfArQRyPTFvVL3lw5RldjRQ>>

Acessado em: 26 jun. 2019

Santo Forte - Direção: Eduardo Coutinho - 80 min, Brasil, 1999

Those Who Make It Happen - Direção: Pedro Santana e José Dias - 17 min.

Manchester/Lisboa, 2016 Disponível em: <<https://shifter.sapo.pt/2017/10/documentario-sobre-jazz/>> Acessado em: 26 jun. 2019

APÊNDICE 1 – Perguntas Norteadoras

Perguntas para Josué Costa

Como foi o seu primeiro contato com a música?
 E com o choro?
 O que você acha do choro aqui em Brasília?
 Como você vê o cenário da cidade?
 Você acha Brasília uma cidade fria, não acolhedora?
 Você acha Brasília Silenciosa?
 Como tem sido sua experiência aqui?
 Como foi a sua experiência nas rodas de choro? Aqui e no Piauí?
 Como é o cenário do choro no Piauí?

Perguntas para Ian Coury

Como foi a sua relação com a música?
 E com o choro?
 Como é ser tão novo e tocar choro?
 Você vê no choro algum diferencial? Qual?
 Aqui em Brasília, com você enxerga essa cena?
 Como foi a sua experiência em rodas?
 Brasília é silenciosa?
 Você acha Brasília uma cidade fria, não acolhedora?
 Como é ser um dos novos representantes/intérpretes do choro um gênero musical secular?

Perguntas para Márcio Marinho e Victor Angeleas

Como foi o seu contato com o choro?
 O que o choro representa pra você?
 Por que o choro de Brasília é visto como peculiar?
 O que você acha do título "Brasília Capital do choro"?
 Brasília é uma cidade silenciosa?
 A sobrevivência do choro se dá como?
 Como foi a sua experiência nas rodas? Qual é a importância delas?
 Qual é a importância dele para a sobrevivência do choro?
 Qual é a importância da UnB e da escola de música para o choro?
 Você vê uma mudança no perfil do chorão? Faixa etária? Modo de pensar e interagir com o choro?
 E as suas experiências fora do país? Como eles recebem o choro?
 Como é o seu processo de produção?

Perguntas para Suellen Almeida

Como foi a sua inserção na música? Já era ligada ao choro?
 O que te fez vir para Brasília?
 Quais as diferenças que você enxerga no choro executado aqui?
 Como é o cenário do choro no Maranhão?
 O que você pensa do título "Brasília, Capital do Choro"?
 Brasília é silenciosa?
 E como é ser instrumentista?
 Ser mulher e ocupar esses espaços? Você acha que há um silenciamento?
 E a sobrevivência do gênero?
 O que ameaça o choro de ser perpetuado?

Perguntas para Mari Sardinha

Como foi a sua história na música? Como surgiu sua relação com o choro?
 O que o choro representa para você?
 Como foi a sua vivência em relação às rodas de choro?
 Como é ser mulher instrumentista? Dentro do choro?
 E como você enxerga Brasília? É silenciosa?
 O que ameaça o choro?
 O que faz com ele se perpetue?
 "Brasília, capital do choro" o que você pensa sobre?

Perguntas para Thanise Silva

Como foi a sua relação com a música? E com o choro?
 O que o choro representa pra você?
 Como foi a sua experiência nas rodas e a importância delas?
 Qual é a importância da UnB e da Escola de música para o gênero?
 Como é ser mulher dentro do choro? Ocupar o lugar com instrumentista? Há um silenciamento?
 Você acha Brasília silenciosa?
 Você enxerga alguma ameaça para a sobrevivência do gênero?
 Como foi a sua experiência de levar o choro para fora do país?
 Qual é o perfil do chorão/chorona na sua concepção?
 A partir de que ponto você vê como início da profissionalização do choro?

Perguntas para Ana Cesário

Como começou a sua relação com a música? E com o choro?
 O que você acha do choro de Brasília?

O que o choro representa pra você?
 Conta um pouco do seu trabalho com o CD Passos no Choro? Como foi o processo? Por que o choro?
 Como é ser mulher instrumentista no choro?
 Como é/foi a sua experiência em rodas de choro?
 Você acha Brasília silenciosa?
 O que você acha do título "Brasília, capital do choro"?

Perguntas para Gabi Tunes

Como começou a sua relação com a música? Com o choro?
 O que o choro representa pra você?
 Queria saber da sua vivência nas rodas. Qual é a importância delas?
 A partir de quando você pensa que surgiu a profissionalização do choro?
 Qual você enxerga ser o perfil do chorão/chorona?
 Qual é a importância do clube do choro, da UnB, Escola de música pro gênero?
 Como é ser mulher instrumentista? Ocupar esse espaço no choro?
 Brasília é uma cidade silenciosa?
 O silêncio é uma ameaça ao choro?

Perguntas para Juçara Dantas

Como foi a sua relação com a música? E com o choro?
 Você enxerga alguma diferença entre o choro feito aqui pro de outras regiões? Por quê?
 O que o silêncio representa pra você?
 O que você acha do conceito de "Brasília Capital do choro"?
 Como é ser mulher nesses espaços?
 Você tem visto mais mulheres na mesma posição de instrumentista?
 Onde você acha que as mulheres instrumentistas estão?
 Brasília é silenciosa?
 E a sua experiência em rodas de choro?
 Se Brasília tivesse um som qual seria?

Perguntas para Larissa Umaytá

Como foi a sua relação com a música?
 Como se deu a sua relação com o choro? O primeiro contato.
 Como é ser mulher ocupando esses espaços?
 Se Brasília tivesse um som qual seria esse som?
 Você considera "Brasília Capital do choro"?
 Você acha que Brasília tem uma relação diferente com o silêncio?

O que acha do choro feito em Brasília para o feito fora?
Você tem visto mais mulheres na mesma posição de instrumentista?
Conta um pouco da sua vivência agora nesse curso que você ministrou?
Na pandeirada você vê mais homens ou mulheres?
Onde você acha que as mulheres instrumentistas estão?
O que o silêncio representa pra você?
Brasília é silenciosa?

Perguntas para Henrique Cazes

Você percebe alguma diferença no choro feito em Brasília para o do resto do país? Tem algum destaque sobre as demais regiões?
Isso se deu a partir da origem? Ou é algo específico de uma geração?
Você acha Brasília uma cidade silenciosa?
Há um patrulhamento dentro do choro. Como é isso?
A prática das rodas ajuda a perpetuar o choro qual é a importância da vivência das rodas de choro?
Tem um novo conceito surgindo de Brasília como capital do choro. O que você acha disso? E daqui pra frente? O que você enxerga?

Perguntas para Henrique Neto

Como surgiu o EICHO? Como você acha que vai influenciar as próximas gerações no aprendizado do choro?
Como é a sua experiência de tocar choro fora do país? Muitas pessoas conhecem o gênero? Por que você toca chorinho?
Você considera Brasília a capital do choro?
Você percebe alguma diferença no choro feito em Brasília para o do resto do país? Como é a sua relação com o chorinho? Por que você toca chorinho?

Perguntas para Danilo Brito e Yamandu Costa

Você percebe alguma diferença no choro feito em Brasília para o do resto do país?
Tem algum destaque sobre as demais regiões?
Isso se deu a partir da origem? Ou é algo específico de uma geração?
Você acha Brasília uma cidade silenciosa?
A prática das rodas ajuda a perpetuar o choro qual é a importância da vivência das rodas de choro?
Tem um novo conceito surgindo de Brasília como capital do choro. O que você acha disso?
E daqui pra frente? O que você enxerga?